

# Aliados acham complicada situação de ACM e Arruda

■ FH acerta com partidos estratégia para impedir que crise no Senado se amplie

CARMEN KOZAK

BRASÍLIA – Na quarta-feira, um dia antes de embarcar para o Canadá, o presidente Fernando Henrique Cardoso conversou com dirigentes aliados sobre a gravidade da situação política. Avaliou que a crise criou pernas próprias com a evolução das investigações sobre irregularidades na Sudam e a violação do sistema de votação do Senado. O presidente e os comandos dos partidos governistas concordam: são cada vez mais remotas as chances de um acordo para impedir o processo que compromete seriamente expressivas figuras da política nacional. Por isso, optou-se pela estratégia de criar um cordão sanitário, isolando o governo e a Câmara dos Deputados da crise que tomou conta do Senado.

Preocupado com os estragos que a instabilidade poderá gerar à economia, Fernando Henrique apelou para que PSDB, PMDB e PFL encontrem uma maneira célere de encerrar os processos de investigação e punição dos possíveis responsáveis. Caso contrário, relatam dirigentes tucanos, o presidente prevê que todos serão severamente prejudicados nas eleições do ano que vem. A avaliação é a de que qualquer tentativa de acordo implicará perigoso desgaste das instituições perante a opinião pública.

Só que, no Planalto e nos partidos governistas, ninguém sabe quem conduzirá esse processo. Afinal, a crise envolve os antigos protagonistas da cena no Senado: o ex-presidente Antonio Carlos Magalhães, o ex-líder do governo José Roberto Arruda e o atual presidente da Casa e do PMDB, Jader Barbalho. Segundo um in-



Fernando Henrique está preocupado com os estragos que a crise política pode causar à economia

fluente tucano que tratou do assunto com o presidente, “a situação fugiu ao controle e não dá mais para esconder sob o tapete; só dá para tentar impedir a contaminação de todos os setores”.

A maior preocupação dos governistas é com a iminente abertura de processo de cassação de mandato contra Arruda e Antonio Carlos, que consideram inevitável, mas de conseqüências imprevisíveis. Estão certos de que Antonio Carlos poderá criar mais problemas cobrando a punição do inimigo Jader.

O presidente do Senado, por sua vez, tentará se salvar diferenciando seu caso do que envolve Antonio Carlos e Arruda. Jader entende, afirmam colaboradores, que poderá sair beneficiado por

que as denúncias contra ele são alvo de investigação no Ministério Público. Está certo de que, até agora, nada surgiu que fundamente processo por quebra do decoro parlamentar. Mesmo assim, Jader discutiu com tucanos e pefelistas uma saída para a crise.

Dois dos contatos de Jader foram com o presidente nacional do PFL, senador Jorge Bornhausen (SC), e com o vice-presidente, senador José Agripino Maia (RN). Bornhausen e Agripino, segundo pefelistas, fazem parte do grupo que ainda tenta trabalhar um acordo para deter as investigações. Não têm conseguido muitos adeptos, já que o PSDB e o PMDB são contrários à hipótese. “Não é hora de tentar esconder as coisas embaixo do

tapete”, recusa-se o líder do PMDB, senador Renan Calheiros (AL), que tem conversado muito com o presidente Fernando Henrique.

Por não saber como será a operação, o presidente tenta isolar o governo e seu partido, o PSDB, do imbróglio. Na terça-feira, aconselhou Arruda a licenciar-se da liderança do governo. Sustentou que seria até melhor para sua defesa. Mas, aconselhado por setores do PSDB, Arruda seguiu por um dia caminho inverso. Manteve-se na liderança, acreditando que esse seria seu melhor escudo. Recuou ontem, depois de convencido por colegas de partido que, além de criar dificuldades para si mesmo, estava incluindo os tucanos na crise.

Davi Zocoli

254